

© **Fundação Darcy Ribeiro, 2013**
2ª Edição, Global Editora, São Paulo, 2017

Jefferson L. Alves — diretor editorial
Gustavo Henrique Tuna — editor assistente
Flávio Samuel — gerente de produção
Flavia Baggio — coordenadora editorial
Jefferson Campos — assistente de produção
Fernanda Bincoletto — assistente editorial e revisão
Tatiana F. Souza — revisão
Mayara Freitas — projeto gráfico
Eduardo Okuno — capa
Fundação Darcy Ribeiro e Fundação Joaquim Nabuco — imagens de capa

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R368g

Ribeiro, Darcy
Gentidades / Darcy Ribeiro. - 2. ed. - São Paulo : Global,
2017. il.

ISBN: 978-85-260-2346-8

1. Sociologia. I. Título.

17-41837

CDD:306
CDU:316.7

global
editora

Direitos Reservados

GILBERTO FREYRE*

Uma introdução a *Casa-grande & senzala*

*... nossa tarefa máxima deveria ser o combate
a todas as formas de pensamento reacionário.*

Antonio Candido

Gilberto Freyre tem uma característica com que simpatizo muito. Como eu, ele gosta que se enrosca de si mesmo. Saboreia elogios como a bombons, confessa.

Sendo esse seu jeito natural, em torno dele se orchestra um culto que Gilberto preside contente e insaciável. Apesar de mais badalado que ninguém, é ele quem mais se badala. Abre seus livros com apreciações detalhadas sobre suas grandezas e notícias circunstanciadas de cada pasmo que provoca pelo mundo afora.

E não precisava ser assim. Afinal, não é só Gilberto que se admira. Todos o admiramos. Alguns de nós, superlativamente. Guimarães Rosa, o maior estilista brasileiro, nos diz que o estilo de Gilberto já por si daria para obrigar a nossa admiração. Mestre Anísio, o pensador mais agudo deste país, nos pede que antecipemos a Gilberto a grandeza que o futuro há de reconhecer nele, *porque ficamos todos mais brasileiros com a sua obra.*¹ Fernando de Azevedo, falando em nome da

* Prólogo à edição venezuelana de *Casa-grande & senzala*, publicada em 1977, no âmbito da *Biblioteca Ayacucho*, projeto editorial levado a cabo nas décadas de 1970 e 1980, o qual verteu para a língua espanhola uma série de livros clássicos concernentes à literatura, cultura e artes plásticas brasileiras. (N. E.)

¹ Cito grifando porque enjoei das aspas.

sociologia, quase repete Anísio ao nos dizer que *todos lhe devemos* — a Gilberto — *um pouco do que somos e muito do que sabemos*.

Mas, não é só isso, é muito mais, diria Gilberto, e exemplificaria: Barthes não se consola da França não ter um intérprete gilbertiano para os seus primeiros séculos de formação. Um certo Briggs, bestificado, nos diz que *Casa-grande & senzala* é não só uma revelação para os brasileiros do que eles são, mas todo um triunfo universal. Uma douta comissão não sei do quê chega a afirmar que Gilberto já guia a humanidade inteira na busca de um sentido e de um propósito.

Abro este ensaio com tão grandes palavras porque, muito a contragosto, tenho que entrar no cordão dos louvadores. Gilberto Freyre escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira.

Com efeito, *Casa-grande & senzala* é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos. Por quê? Sempre me intrigou, e me intriga ainda, que Gilberto Freyre sendo tão tacanhamente reacionário no plano político — em declaração recente chega a dizer que a censura da imprensa é, em geral, benéfica e que nos Estados Unidos a censura é mais rigorosa do que em qualquer outro país do mundo — tenha podido escrever esse livro generoso, tolerante, forte e belo.

Creio que poderíamos passar sem qualquer dos nossos ensaios e romances, ainda que fosse o melhor que se escreveu no Brasil. Mas não passaríamos sem *Casa-grande & senzala* sem sermos outros. Gilberto Freyre, de certa forma, fundou — ou pelo menos espelhou — o Brasil no plano cultural tal como Cervantes à Espanha, Camões à Lusitânia, Tolstói à Rússia, Sartre à França. É certo que houve em nosso caso como nos outros alguns gestos mais, uns antes — ontem, o Aleijadinho, entre poucos — outros, depois — hoje, Brasília, de Oscar — mas, sem dúvida, entre eles está o de Gilberto. Por quê?

Casa-grande & senzala é, sem dúvida, uma façanha da cultura brasileira, como aliás foi visto desde os primeiros dias. Para Jorge Amado,

o surgimento de *CG&S* foi uma *explosão de deslumbramento*. Desde alguns anos antes, observa ele, vinham surgindo os primeiros romances regionais que buscavam laboriosamente restabelecer a verdade sobre a vida social brasileira, falsificada pela literatura tradicionalista. Mas *um livro de estudos do Brasil, que fosse legível, bem escrito como Casa-grande & senzala, era coisa nunca vista*. Para Jorge Amado, entretanto, o mais espantoso era ver surgir naquele meio provinciano — que recitava Bilac e detestava Portinari — um homem com estudos universitários no estrangeiro que frequentava candomblés, gostava da boa comida baiana e conhecia cachaça fina. Um homem ávido de viver e de rir, que tinha prazer em admirar e gosto em louvar. Ele nos ensinava, diz Jorge Amado, *que só vivendo se pode aprender a ciência dos livros*.

Astrojildo Pereira, nosso principal crítico marxista de letras e de ideias, assinala que *Casa-grande & senzala aconteceu em 1933 como algo explosivo, de insólito, de realmente novo, a romper anos e anos de rotina e chão batido*. Suas novidades principais seriam *a de um livro de ciências escrito numa linguagem literária de timbre inusitado, numa linguagem atrevidamente nova mas muito nossa; um livro que dava categoria literária a muita palavra vulgar; e, sobretudo, um livro que tomava por protagonista central não aos heróis oficiais, mas à massa anônima*.

Nem tudo, porém, foram louvores naqueles dias de deslumbramento e espanto. O próprio vigor e, sobretudo, o estilo acre de *CG&S* provocaram em muita gente verdadeiras crises de exasperação. Principalmente pelo livre emprego de expressões tidas desde sempre como chulas, obscenas, irreverentes; mas também por muitas outras qualidades vistas como negativas. É compreensível, de resto, que assim fosse para um público leitor habituado à pobre língua que se escrevia então no Brasil, acostumado a louvar e levar a sério literatos acadêmicos tão tolos como vetustos. Suas ousadias ofendiam e arranhavam sensibilidades acadêmicas e feriam muitas almas bem

formadas. Não podia ser de outro modo, se numa passagem GF nos ilustra sobre o mau costume português de jurar *pelos pentelhos da Virgem*. Noutra, fala do *despique*, antigo costume brasileiro de intercâmbio de esposas entre os amigos. Em ambos os casos, é verdade, sempre assentado na melhor documentação.

O certo é que, a mim e a todos, CG&S ensinou muitas coisas que precisamos começar a enumerar. Ensinou, principalmente, a nos reconciliarmos com nossa ancestralidade lusitana e negra, de que todos nos vexávamos um pouco. A ele se deve o havermos começado a aceitar, como ancestrais dignificantes, o povo que nos acostumáramos a identificar com o imigrante que fazia de burro de carga, puxando carrinhos de feira; ou o comerciante próspero e mesquinho em que ele se transfigurava depois de enricar. Devemos a Gilberto, sobretudo, o havermos aprendido a reconhecer, senão com orgulho, ao menos tranquilizados, na cara de cada um de nós ou na de nossos tios e primos, uma bocarra carnuda, cabelos crespos ou aqueles narigões fornidos de indubitável procedência africana e servil.

Evidenciados esses fatos, a questão que se coloca é saber como pôde o menino fidalgo dos Freyres; o rapazinho anglófilo do Recife; o moço elitista que viaja para os Estados Unidos querendo fazer-se protestante para ser mais norte-americano; o oficial de gabinete de um governador reacionário — como pôde ele — aparentemente tão inapto para esta façanha, engendrar a interpretação arejada e bela da vida colonial brasileira que é CG&S. O fato é espantoso, mas, como é inegável, temos que conviver com ele e explicá-lo ou ao menos compreendê-lo, se for possível.

De início devemos nos advertir de que à postura aristocrática e direitista não corresponde necessariamente uma inteligência curta das coisas ou uma sensibilidade embotada das vivências. A inteligência e a ilustração, como a *finesse*, são outros tantos atributos da

riqueza e da fidalguia, como a beleza das damas e os bons modos dos damos. O certo é que o fidalgote GF ajudou como ninguém o Brasil a tomar consciência de suas qualidades, principalmente das bizarras. As vezes, com demasiado pitoresquismo, mas vendo-as sempre como coisas entranhadamente nossas, como carne de nossa carne, vindas de onde viessem. Mesmo assim, ou por isso mesmo, Gilberto Freyre muito ajudou os brasileiros a aceitarem-se tal qual são, sem vexames por suas origens e com reconhecimento de suas aptidões para, amanhã, melhorar o humano.

Gilberto gosta de dizer que, apesar de descortinar o passado e o futuro e vagar pela terra inteira, é um escritor situado no tempo e no espaço. Assim é efetivamente. Escreve de sua casa senhorial no bairro dos Apipucos, no Recife, como um neto de senhores de engenhos, um branco seguro de sua fidalguia. Assim como Euclides — a observação é de Gilberto — escrevia como um ameríndio, um caboclo, Gilberto escreve como um neoluso, como um dominador. Nenhum dos dois é, apenas, uma coisa ou outra, bem sabemos. Mas essas são as figuras que eles assumem, com as quais eles se irmanam e se identificam. Seus livros são louvações delas.

Apresso-me, porém, em assinalar que é muito difícil generalizar sobre Gilberto. Cada vez que julgamos apanhá-lo na rede, ele escapole pelos buracos como se fosse de geleia. Assim é que, abandonando minha generalização anterior, tenho aqui — duas linhas adiante — que retificá-la, sombreá-la: Gilberto na verdade não é nem mesmo o velho sábio de Apipucos, não é ninguém porque, como Macunaíma, ele é nós todos. Talvez esse seja seu traço mais característico e nisso resida o seu grande débito para com a antropologia. O ser antropólogo permitiu a Gilberto sair de si, permanecendo ele mesmo, para entrar no couro dos outros e ver o mundo com olhos alheios. Trata-se de um caso de apropriação do outro numa operação parecida à possessão mediúnica.

Nessa capacidade mimética de ser muitos, permanecendo ele, é que se assenta o segredo que lhe permitiu escrever *Casa-grande & senzala*. Através de suas centenas de páginas, Gilberto é sucessivamente senhorial, branco, cristão, adulto, maduro, sem deixar de ser o oposto em outros contextos, ao se vestir e sentir escravo, herege, índio, menino, mulher, efeminado. As dualidades não se esgotam aí mas se estendem nas de pai e filho, senhor e escravo, mulher e marido, devoto e santo, civilizado e selvagem, que Gilberto vai encarnando para mostrar-se pelo direito e pelo avesso, página após página, linha por linha.

O ESCRITOR

Gilberto Freyre abre *Casa-grande & senzala* dizendo simplesmente: *em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio*. Após esse registro insólito, num livro dessa classe, deixa escapar aparentemente sem propósito que em Lisboa, além das bibliotecas, arquivos e museus, se familiarizou *com os sabores novos do vinho do Porto, do bacalhau e dos doces de freiras que deixou com saudades*. Essa é uma boa amostra do seu modo personalíssimo, enrolado e até dengoso de exercer-se como cientista, afamando-se ao mesmo tempo como escritor literário. E que escritor!

E é sempre o escritor, o estilista quem comanda a escritura. Quase sempre com fidelidade à ciência, retesando a linguagem para obrigá-la a servir ao conteúdo, mas cuidando-se muito mais do que se permitiria qualquer escritor simplesmente ensaísta ou tão somente científico. É verdade que muitas vezes o leitor atento fica com o sentimento de que é logrado. Assim ocorre quando Gilberto decide demonstrar suas teses pela negação, como no seguinte caso: *Não que o português aqui tivesse deparado em 1500 com uma raça de gente fraca e*

mole, incapaz de um maior esforço do que o de caçar passarinhos com arco e flecha. Nada disso.

A suspeita de treta aumenta mais ainda quando, no calor da argumentação cerrada, ele decide atribuir ao negro qualidades e defeitos que, por igual, se poderiam atribuir ao índio. Assim é, por exemplo, quando apresenta, ao leitor encandecido por seus foguetórios de estilo, *um índio morrendo de banzo ou envolvido numa tristeza de introvertido, e um negro pleno de energia moça, tesa, vigorosa e exuberante de extroversão e de vivacidade.*

Quem serve a quem neste festival de estilo? Em certos trechos — demasiadamente numerosos para os sisudos — as tiradas de Gilberto Freyre saltam como fagulhas, iluminando páginas de análise acurada ou amenizando raciocínios sutilmente elaborados. Às vezes é pura coqueteria de escritor que, não resistindo ao beliscão interior de seu próprio demônio artístico, interrompe a frase severa para pedir: *perdoe o leitor os muitos inevitáveis ão.* Quem, escritor luso ou brasileiro, não se sentiu acuado pela cacofonia desses inevitáveis ão, tão característicos da nossa língua? Em outro lugar GF qualifica de *brasileirinha da silva* a arquitetura das casas-grandes. Aqui, provavelmente, o caráter duvidoso do juízo — Portugal está cheio de magníficas casonas rurais avarandadas, no mesmo estilo e de melhor qualidade, além de muito mais antigas — é que faz Gilberto afirmá-lo com tanta ênfase e graça. É duvidoso que essa forma de compor se justifique muito no plano da ciência, mas não há nenhuma dúvida de que ela é excelente no plano literário.

O que irrita a muitos críticos e molesta a outros tantos é justamente essa qualidade literária dos textos de Gilberto: são as concessões que o cientista faz ao escritor, raramente traiçoeiras, porém sempre com o efeito extravagante de tratar as coisas mais sérias da forma mais gaiata.

Trabalhando laboriosamente, não raro ele consegue dar contorno e cor, caráter e individualidade a seus tipos e figuras. Mas,

nesse esforço, em muitos casos exagera, exorbita, fantasia, com uma liberdade artística que nenhum escritor hirsuto se consentiria. Apresentando o protagonista central de CG&S, o colonizador lusitano, GF começa em tom suave, contrastando-o com os dois outros imperialistas, seus contemporâneos. O lusitano seria *um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia; um inglês sem as duras linhas puritanas*. O diabo é que Gilberto, vivaz, vai adiante, opondo à marca histórica sinistra que a legenda negra impôs ao espanhol, *a fama ruim e triste que ganhou o português, de inepto, estúpido, salaz*. E Gilberto continua contrastando *a imagem vertical, austera, quixotesca, brava, ainda que angulosamente gótica do castelhano, com a figura horizontal do português, achatada, redonda, enxudiosa*. Arremata o perfil dizendo do luso que *é somítico e rasteiro: um dom-juan de senzala*.

Gilberto Freyre não fica aí em suas liberdades. Vai adiante, rindo, zombando, com uma galhofa de moleque, que desacorçoa o leitor brasileiro acostumado à pobre escrita retórica e tola que se lia então como literária. Alguns perfis traçados por ele são primorosas caricaturas de figuras vetustas. Do filósofo Farias Brito, tão cultuado pela direita católica, Gilberto escreve que *fracassando na política republicana, refugiou-se com seu fraque preto e seus bigodes tristes nas indagações da filosofia*. Jamais uma biografia dirá tanto e retratará tão bem ao pobre filosofante.

Reclamando a falta, no Brasil, de diários, cartas, autobiografias, confissões e outros documentos pessoais tão abundantes no mundo inglês, GF registra, primeiro, que *o confessionário absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, principalmente nas mulheres, esta vontade de se revelarem aos outros...* Depois se consola, não metódico ou circunspecto como faria outro, mas em evidente gozação, dizendo: *em compensação a Inquisição escancarou sobre a nossa vida íntima da era colonial — sobre as alcovas com camas que, em geral, parecem ter sido de couro, rangendo às pressões dos adultérios e dos coitos danados; sobre as camari-*

nhas e os quartos de santo; sobre as relações de brancos com escravas — seu olho enorme, indagador. Como não ver o gozo do autor nesses registros e ao mesmo tempo o gosto literário, o bom gosto desses textos?

É certo que todo o sumo científico dessas asserções poderia ser comunicado severa e friamente, ao gosto de tantos ensaístas sensaborões e parvos. Mas uma redução dessa ordem mataria, em Gilberto, o que o faz e o manterá vivo na cultura brasileira, que é o seu talento de escritor. Creio mesmo que não há precedente de nenhum estudioso que tenha rejeitado tão veementemente quanto Gilberto o que todos consideram como a linguagem apropriada, a terminologia especializada, a expressão adequada, ou seja, esse linguajar sombrio e solene, em geral pesadíssimo, com que os cientistas escrevem ou, no máximo, essa língua elegante, imaginosa, discretamente poética que uns poucos alcançam em alguns textos muito especiais. Gilberto, porém, vai muito além de tudo isso, escrevendo numa linguagem de arrepiar até sensibilidades literárias. Não é à toa que muitos disseram que seu livro, de tão chulo, seria mais pornografia que sociologia; outros reclamaram que tal desleixo de linguagem não se casava com os propósitos proclamados, de respeitabilidade intelectual (Afonso Arinos).

O que mais ressalta em CG&S é a combinação bem-sucedida de suas qualidades de estudo científico documentadíssimo e cheio de agudas observações, com as de criação deliberadamente literária. O extraordinário é que o fato de atender a dois amores, abarcando ao mesmo tempo o saber e a arte, não invalida essa obra única. Muito ao contrário, a ciência, além de fazer-se mais inteligente — coisa tão rara — e de libertar-se de uma quantidade de modismos, compõe um livro que se lê com prazer. Também a literatura, nesse matrimônio desigual, nada perde de visão íntima, de revelação e de confidência.

Cuidado, porém! Algum preço se terá de pagar por tantas vantagens. O principal é, talvez, a necessidade de que o leitor se acautele.

São incontáveis as vezes em que o antropólogo se deixa engambelar pelo novelista, sendo preciso ler e reler atento tanto ao gozo literário como aos saberes duvidosos, vendidos como boa ciência.

As claudicações científicas decorrentes desse amor ao estilo e ao enredo se manifestam de mil maneiras. Às vezes é puro estilismo que se afirma, por exemplo, no martelado do ponteio em que caracteriza o poderio do senhor de engenho: *donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal: feias e fortes. Paredes grossas. Alicerces profundos. Óleo de baleia*. Insatisfeito em matraquear, versejando mais do que escrevendo, GF desborda — agora episódico — para contar o boato do senhor de engenho que desejando dar perpetuidade à sua casa-grande *mandou matar dois negros e enterrá-los nos alicerces*. Adiante, de passagem, delata um outro senhor de engenho que começa piamente sua carta ao confessar com estas palavras: *como Deus foi servido que eu mandasse matar meu filho...*

Outras vezes, sob a sedução novelística de estória puxa estória, GF, após fornecer informação positiva e erudita sobre um tema, transborda, concluindo para além do que é sabido. Exagerando. Assim sucede quando, depois de valorizar a revolta dos negros malês da Bahia, em 1835, como uma revolução libertária cujos líderes seriam muçulmanos, sabendo muitos deles ler em árabe, Gilberto arremata: *nas senzalas haveria mais gente sabendo ler e escrever que no alto das casas-grandes*.

O INTÉRPRETE

Uma leitura atenta de GF revela, também, muita contradição íntima entre os valores professados e os valores realmente atuantes como seus critérios existenciais. Sirva de exemplo o sadomasoquismo que ele atribui ao brasileiro. *Sadismo do branco, masoquismo do índio e*

do negro. O primeiro começaria gozando ao torturar seu moleque de brinquedos, depois viria o gozo de machucar escravos, por fim, cairia no gozo maior que é o de oprimir quem quer que esteja por baixo. O outro, fruindo ser torturado e machucado. No exercício mesmo desses papéis recíprocos, o brasileiro da classe dominante teria ganhado seu traço mais característico — o mandonismo — e sua contraparte social, o povo-massa, seu gosto também mais típico — o masoquismo — expresso no gozo da *pressão sobre ele de um governo másculo, corajosamente autocrático* (sic). Como se vê, para Gilberto Freyre, o despotismo — que viabiliza a preservação da ordem numa sociedade brutalmente desigualitária e injusta como a brasileira do passado e do presente — não seria mais do que um atavismo social, um laivo do *puro gosto de sofrer, de ser vítima ou de sacrificar-se* que singularizaria o brasileiro comum.

Entusiasmado com sua descoberta, GF a generaliza, procurando explicar o conservadorismo brasileiro pela precocidade com que saímos do regime escravocrata, o que resultaria, por um lado, no *sadismo do mando* disfarçado de *princípio de Autoridade e defesa da Ordem* e, por outro lado, nos traços binários de *sadistas-masoquistas, senhores-escravos, doutores-analfabetos*. O espantoso desse raciocínio, já de si enroladíssimo, é seu remate: ... *e não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade e pelo frescor de imaginação e emoção do grande número e, de outro lado, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa.*

Nesse caso, é óbvio, não seria injusto falar-se de uma tara direitista gilbertiana. Assim seria, de fato, se esse argumento não fosse tão familiar a toda uma antropologia colonialista. Em sua propensão a tudo esconder atrás de um suposto relativismo cultural, essa antropologia se torna capaz de apreciar favoravelmente as culturas mais elementares e até de enlanguescer-se em saudosismos do bizarro e

em amores estremecidos pelo folclórico. O que não faz é dar qualquer contribuição útil para vitalizar um valor real, afirmativo das culturas oprimidas; e muito menos despertar na gente que as detém uma consciência crítica ou uma postura rebelde contra a ordem social que as explora e oprime. Em lugar disso o que faz é justificar o despotismo.

Aqui, agora, é Gilberto Freyre — que nos lavou a cabeça de tanta má ciência europeia da geração passada — que paga o preço à má ciência de sua geração, encontrando nela, por vias oblíquas, a explicação suspirada de sua nostalgia dos idos avoengos, de seu gosto por um mundo em que o negro e o povo ocupassem, felizes, o seu devido lugar.

Gilberto Freyre apresenta *Casa-grande & senzala* como uma *história íntima*, como um *roman vrai* à Goncourt, com algo de introspecção evocativa a Proust. E esta é talvez a melhor caracterização de sua obra, uma espécie de estória bisbilhoteira da vida doméstica do senhorio nordestino, que um neto indiscreto recorda amorosamente, gozando e sofrendo: *é um passado que se entende tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.*

Esse tipo de história íntima, entranhadamente gozosa e sofrida, Gilberto Freyre a compõe no esforço paciente de ir reconstituindo a rotina dos fatos mais triviais para surpreender nela, não os grandes eventos causais, cheios de consequência — que caça o historiador romântico —, mas a acumulação negligente do cotidiano que, através das décadas e dos séculos, vai formando uma capa quase geológica, com dobras delicadas, pequenas saliências, espessuras que mal se notam, mas que são cada uma delas os nós do manto da vida de um povo.

Armado de tudo que podia aprender no esforço de outros povos por se compreenderem e se expressarem em obras interpretativas, GF volta-se para o seu contexto, indagando o porquê da trama

social, a razão do risco do bordado. E o faz com uma mestria sem paralelo, não só porque retrata um mundo familiar, em evocações iguais às aquelas que poderia ele mesmo fazer de sua vida de família, como também porque recorre a todas as fontes que podem ajudá-lo. Cada anotação tomada casualmente por um senhor de engenho; cada observação de um estrangeiro que viu uma casa-grande e a descreveu; cada anúncio de jornal buscando um escravo fujão ajuda a compor a imagem tipológica do senhor de engenho ou o paradigma do escravo que não existiram, jamais, concretamente, antes de exorcizados na narrativa de GF. O que existiu foi um senhor Lula ou o negro Bembão, pessoas singulares, irrepetíveis que, de fato, só lhe servem de gravetos para queimar no forno do engenho onde vai compondo sua história íntima: a memória possível de remotos idos que lembrados nostalgicamente por GF revivem para todos nós.

Afinal, que é a história, senão essa reconstituição alegórica do passado vivente que nos ajuda a compor nosso próprio discurso sobre o que estamos sendo? O que nos dá Gilberto serão achegas a essa história, senão à história comum, ao menos uma contribuição fundamental à história dos poucos, dos ricos, dos bonitos, dos mandantes, daqueles anos áspersos em que o Brasil se formou. Ainda assim é muito importante, porque Gilberto não descreveu apenas personagens todo-poderosos como os senhores de engenhos, mas os fez viver ou reviver para nós, dentro de suas casas-grandes, cercados de sua negralhada, que nós vemos através de seus olhos. Se o que ele nos dá não é a perspectiva mais rica, nem a mais representativa ou a mais realista, é ao menos a mais bizarra, a mais gostosa, a mais cheirosa, a mais gozosa, a mais saudosa.

Não me interpretem mal. Jamais quis dizer que CG&S constitua, apenas, um livro pitoresco. Muito ao contrário. Digo que essa visão

arejada, risonha, nos proporciona a melhor contribuição disponível até agora para fazer do Brasil um protagonista literário que, podendo conhecer-se pela leitura, passa a existir através dela. Ao longo das páginas de CG&S, atiçados por GF, vamos imaginando, vendo e sentindo o que foi através dos séculos o Brasil, em seu esforço de construir-se a si próprio como produto indesejado de um projeto que visava a produzir açúcar, ouro e café ou, em essência, lucros, mas que resultou em engendrar um povo inteiro.

Apesar de todas as limitações, guiados por ele, percorremos outra vez os ínvios caminhos pelos quais viemos sendo o que somos, nesse trânsito em que nos fizemos. Através dessa reconstituição, o que nos dá Gilberto é uma compreensão da instância presente, como resultado necessário do nosso passado real. Ainda não é, obviamente, a visão prospectiva do que havemos de ser. Isto, porém, não é com ele. É conosco. É tarefa nossa: dos que não gostamos do Brasil do passado tal qual foi; dos que não nos consolamos de que o Brasil seja no presente o que ele é.

Voltemos, porém, à nossa indagação original; o que teria permitido a GF escrever CG&S? A razão preponderante é ser ele um ambíguo. Por um lado, o senhorito fidalgo evocativo de um mundo familiar, de um mundo seu. Por outro lado, o moço formado no estrangeiro, que trazia de lá um olhar perquiridor, um olho de estranho, de estrangeiro, de inglês. Olho para quem o familiar, o trivial, o cotidiano — e como tal desprovido de graça, de interesse, de novidade — ganhava cores de coisa rara e bizarra, observável, referível. Combinando as duas perspectivas nele interiorizadas, sem fundi-las jamais, GF viveu sempre o drama, a comédia — a novela, na verdade — de ser dois: o pernambucano e o inglês. Tão totalmente inglês que vestia calças de flanela e paletó de *tweed* para ver o curso no carnaval do Recife e a vida inteira escreveu anglicanamente sobre a sua própria pernambuquice.

Nessa ambiguidade chegou muitas vezes a tensões dramáticas. Assim ocorreu nas instâncias em que Gilberto tentou anglicanizar-se de todo, fazendo-se protestante primeiro, depois aspirando ser norte-americano e, finalmente, desejando fixar-se em Oxford como professor anglo-hispano. Felizmente, a opção vitoriosa foi por voltar à solareira do Recife e só por isso o temos aí, posto — ainda aqui inglesamente — no seu casarão nobre, nobiliárquico de subúrbio, a escrever dali para o mundo.

Antes, durante e sempre, GF vem cultivando, com rara intensidade, a sua condição de brasileiro. Com uma intensidade de quem suspeita que não o é tanto assim. O melhor retrato que traçou de si mesmo é o que escreveu sobre Euclides da Cunha, caracterizando-o pelo que não tinha, nem era... coitado. Senão, vejamos: *Nem moças bonitas, nem danças, nem jantares alegres, nem almoços à baiana com vatapá, caruru, efó, feijoadas à pernambucana, nem vinho, nem aguardente, nem cerveja, nem tutu de feijão à paulista ou à mineira, nem sobremesas finas segundo velhas receitas de iaiás dos sobrados, nem churrascos, nem manga de Itaparica, abacaxis de Goiana, açaí, sopa de tartaruga, nem modinhas ao violão, nem pescaria de Semana Santa, nem siri com pirão, nem galos de briga, nem canário do Império, nem caçadas de onça ou de antas nas matas das fazendas, nem banhos nas quedas d'água dos rios de engenho* — em nenhuma dessas alegrias caracteristicamente brasileiras Euclides da Cunha se fixou. Gilberto, sim. Demorada. Reiterada. Voluptuosamente.

A OBRA

Casa-grande & senzala é uma monografia de caráter etnográfico. Seu propósito é — ajudado pelo saber metodológico e teórico acumu-

lado pela ciência — descrever e explicar um contexto sociocultural novo, autônomo e singular como o é tanto uma tribo indígena como o mundinho do engenho de açúcar pernambucano.

A ciência que orienta o olho perscrutador o faz ver coisas e aspectos que não veria sem uma formação adequada. Mas nesse passo a ciência mesma se renova, porque submete a uma prova de fogo todo o seu conhecimento, indagando se ele é capaz de explicar — apelando para precedentes conhecidos — o que se observa no contexto novo ou se aquele saber é que deve ser revisto e ampliado para se tornar capaz de explicar aquela variante, e assim enriquecer-se.

Dizendo que CG&S é etnografia, afirmamos que é obra *histórica*, no sentido de que pretende explicar um contexto humano concreto, único, singular, irrepetível. Participa, assim, mais do caráter da biografia que da psicologia. Nossa afirmação importa, também, em dizer que CG&S, falando com propriedade, não é sociologia. Ao menos não o é no que a sociologia deveria ser: um discurso teórico, abstrato, sobre a natureza das relações societárias. Temo, porém, que esta sociologia a que me refiro — uma espécie de física do social, diferente tanto da história da física como de qualquer descrição dos fatos físicos — não existe, feita, em lugar algum, sendo, no máximo, uma aspiração de antropólogos ambiciosos. Quero dizer tão somente que CG&S, tal como foi composta, não aspira à formulação de uma teoria geral sobre coisa alguma. O que ela quer é levar-nos pela mão, ao engenho, a um engenho que não existe — à abstração-engenho feita de todos os engenhos concretos de que Gilberto teve notícia — para mostrá-lo no que ele poderia ter sido, no que terá chegado a ser naquele Nordeste do Brasil de 1600 a 1800.

Só incidentalmente Gilberto Freyre procura formular generalizações válidas para outros contextos sociais. Isso ocorre nos trechos breves em que ele busca mostrar que a estrutura básica do mundo do

açúcar é a mesma do mundo do ouro e do café, que o sucederiam em outras terras brasileiras, mas sob os mesmos fundamentos. Gilberto chega a ser também comparativo quando contrasta, de passagem, a colonização portuguesa com a holandesa, a inglesa, a francesa e alguma outra. Não se trata, porém, em caso algum, de procedimento sistemático de comparação, revestido dos necessários cuidados metodológicos para estabelecer uma tipologia e confrontar os tipos, característica por característica.

Gilberto jamais chega a se interessar seriamente pela generalização teórica, nem mesmo debate o que seja a *sociedade patriarcal* que nos exhibe em relação a outros padrões patriarcais e não patriarcais da sociedade. Nem indaga, tampouco, sobre a posição evolutiva correspondente ao espécimen que ele estuda. Não quer saber igualmente o que este representa enquanto formação econômico-social ou configuração histórico-cultural. Aliás, tudo isso seria pedir demais. *Casa-grande & senzala* e seu autor não o fazem nem precisariam fazê-lo porque não é esse o seu ofício, nem essa a sua vocação ou o seu interesse.

Entretanto, o descaso de Gilberto pelos aspectos propriamente teóricos do seu trabalho, e a superatenção que dedica aos aspectos etnográficos da descrição compreensiva — ajudado por todas as contribuições científicas que possam lançar alguma luz para compreendê-la — tudo isso está muito vinculado ao tipo de formação acadêmica que GF teve. Com efeito, creio que o descaso teórico de Gilberto não é, portanto, uma singularidade de caráter. É uma consequência de sua formação boassista. É herança do velho Franz Boas, que desejou muito lucidamente fazer uma antropologia burra, como uma sistemática botânica ou zoológica. Uma antropologia tão boa como nenhuma na descrição sistemática, criteriosa, exaustiva, cuidadosíssima de espécimens culturais, mas desinteressada de qualquer generalização teórica.

Boas assim agiu tanto por malícia como por cautela. Hebreu, imigrado, trabalhou em meio ao puritanismo daquela Nova York da

virada do século, provavelmente muito amedrontado com o que sucedera a Lewis Morgan. Era de seus dias a hedionda discriminação que desencadeara sobre o melhor dos etnólogos norte-americanos, o único pensador original, vigoroso e fecundo que aquele país produziu em todos os tempos. Tudo isso porque ousara reconstituir em *Ancient Society* as etapas principais da evolução das sociedades humanas, como Darwin fizera quanto ao desenvolvimento das espécies. Ou, sobretudo, porque tivera má sorte, seu livro foi cair exatamente nas mãos de Engels, que se entusiasmou com aquele etnólogo do Novo Mundo que encontrara, por outras vias, as mesmas comprovações do caráter transitório e evolutivo das instituições sociais que Marx estabelecera através do estudo da economia política.

O livro de Morgan, reescrito por Engels e publicado sob o título *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, alcançou uma tiragem de milhões de exemplares. Andava nas mãos dos operários comunistas que, com base nele, argumentavam sobre o fim previsível da propriedade privada e do capitalismo, e sobre o provável amanhecer de uma sociedade socialista, ainda em seus dias. O efeito desse êxito foi ter recaído sobre Morgan todo o peso do preconceito e da odiosidade antievolucionista e antirrevolucionária do puritanismo e do liberalismo norte-americanos. Morgan, e por extensão a própria inteligência, foi proscrito da antropologia que, para subsistir e florescer nas universidades e nos museus, teve de dar garantias de fidelidade ao sistema e praticar todos os ritos de comprovação do seu conservadorismo.

Gilberto Freyre, formado nesse ambiente, mal ouviu falar de teoria. O máximo que encontrou foi o Seligman da *A interpretação econômica da História*, que recuperava com pinças o que julgava aproveitável da obra de Marx, mas, como dizia então Gilberto Freyre: *sem se tornar passionalmente apologético do Grande Judeu Alemão ou — o que seria pior — de um Marxismo parado no século XIX.*

Para não ser revolucionária, a antropologia de Boas e de seus tantos discípulos pagou o preço de não versar teoria alguma, adiando para futuras gerações a interpretação da imensa biblioteca factual que escreveram. Ou, se tanto, teorizando rasteiramente em campos isentos de qualquer sabor contestatório. A única exceção é sua oposição ao racismo e ao colonialismo — dominantes na antropologia europeia — a que os boasistas opuseram um culturalismo antievolutivo e exacerbado no seu relativismo, mas generoso e compreensivo no entendimento das sociedades e culturas menos complexas e das raças perseguidas.

O que devemos reter sobre a herança acadêmica de Gilberto Freyre é a fonte boasiva, tanto do seu ateoricismo como de sua propensão etnográfica. Graças a essas duas heranças ele pôde realizar estudos de grande profundidade e reunir documentação copiosíssima sobre os temas de que tratou. Mas nem por isso se lhe pode atribuir o que jamais foi e nem mesmo quis ser: um teórico. O que fez Gilberto, nesse plano, foi contestar generalizações deterministas muito em moda nos seus dias. Generalizações que, de resto, já haviam sido contestadas por Manoel Bonfim, Roquette-Pinto e alguns outros, ainda que jamais com o vigor e a eloquência que esse debate alcançaria em Gilberto.

A caracterização de *Casa-grande & senzala* como monografia etnográfica regional exige ainda duas considerações. Primeiro, a de que ela não tem paralelo, uma vez que não se conhecem estudos precedentes ou posteriores da mesma envergadura. É óbvio que não se pode considerá-la uma obra da mesma natureza dos “estudos de comunidade” realizados por tantos antropólogos e sociólogos, que são os que dela mais se aproximam. Nesses casos, porém, toma-se uma comunidade pequena para um estudo intensivo de observação direta, na suposição de que as características da sociedade global ali se deixem surpreender, concretizadas em modos de conduta observáveis

diretamente. E, talvez, até melhor inteligíveis em certos aspectos do que se possa pretender com os estudos por amostragem, através de inquéritos ou questionários tão do gosto dos sociólogos, apesar de tão infecundos.

Todavia, *Casa-grande & senzala* contrasta fortemente com esses estudos de comunidade, pela amplitude de dimensões regionais de seu objeto de estudo e, também, porque seu tema, situado no passado, não enseja observação direta. Tem de comum oferecer ao pesquisador, como campo de estudos, um contexto social concreto em toda a sua complexidade de entidade ecológica, demográfica, econômica, social, cultural e psicológica. Não se trata, aqui, das duplas operações de extrair, através de uma técnica artificiosa, uma massa de observações sobre a família, o trabalho ou a religião por exemplo — como se elas existissem em si — e depois restaurar sua concretude devolvendo-as ao contexto de que fazem parte, pela análise de suas relações com a totalidade. Trata-se, isso sim, de procurar ver como gentes, organizadas ou não em famílias, representando diferentes papéis recíprocos, produzem e reproduzem a si mesmas e às suas formas de vida, pela procriação, pelo trabalho e através de formas coletivas de culto.

O símile principal de *Casa-grande & senzala* dentre os estudos antropológicos talvez esteja nas tentativas, todas fracassadas, de realizar grandes estudos de caráter nacional. Aqueles que foram feitos durante a guerra, porém, para o Japão e para a Rússia, chegam ao ridículo, em sua tentativa de buscar nas minúcias da higiene infantil, por exemplo, explicações das formas atuantes de conduta daqueles povos, e para as motivações de japoneses e de russos como soldados na guerra. Mas não foi só o interesse imediato e até bélico que invalidou esses estudos. Não havia, entre seus autores, ninguém armado — como estava Gilberto — para uma façanha dessa envergadura. Exceto, talvez, Ruth Benedict, que, aliás, foi muito infeliz em sua tentativa de entender os japoneses.

A segunda ordem de considerações diz respeito às consequências desse caráter localizado e concreto do objeto de estudos de *Casa-grande & senzala*. Tratando-se de reconstituir uma civilização que se formou, floresceu e morreu numa região dada, onde a gente formada de descendentes de todos os seus protagonistas continua vivendo — e entre elas o próprio autor — tudo fica inevitavelmente impregnado de reminiscências. Tantas, que sempre há o perigo de que o local e o regional se convertam em regionalismos, o regionalismo em tradicionalismo e tudo isso em saudosismos. Sobretudo, porque o olho que olha é olho dos que veem ainda do lado de cima.

O que desejo dizer aqui é, tão só, que obviamente tem consequências o fato de que quem escreveu CG&S não ser um estranho, mas sim o protagonista de elite, fidalgo, minoritário na inumerável massa humana, que edificou com suor aquela civilização. Naturalmente, o escravo não fez tudo sozinho porque trabalhou debaixo das ordens de um capataz que sabia muito, e este debaixo da vigilância de um senhor que, se não sabia nada, era quem sabia mais dos aspectos traficanciais do negócio. Mas não há como esquecer que, à perspectiva do senhor, do dono, corresponde uma visão que é o reverso da mirada do escravo. Esse contraponto ressalta, por exemplo, uma das características remarcáveis de Gilberto: a sua nostálgica visão de senhor de engenhos e de escravos, que ele expressa, sentimentalmente, ao longo do livro. É de todo improvável que aos olhos de um alerno de Gilberto, isto é, um descendente de escravos da mesma casa-grande, se encontrasse um grão que fosse dessa nostalgia.

É Gilberto por isso um alienado? — Não! O que lhe sobra é autenticidade. Ele fala não só de cátedra, fala como um íntimo e fala convincentemente, como um conivente confesso. Não é nessa intimidade, entretanto, que reside o segredo resgatável da “metodologia” de Gilberto. Seria como pensar que quem sabe mesmo de tuberculose

são os tuberculosos. Gilberto é sábio porque à sua proximidade e identificação de observador não participante — mas mancomunado — ele alia a qualidade oposta, que é a visão de fora — o olho de inglês a que já nos referimos —, a capacidade de ver o bizarro onde o pernambucano da melhor cepa não veria nada.

O mundo é feito de rotina, de vida espontânea e naturalmente repetida, que nem chega a ser notada como coisa que careça de explicação, a não ser para quem venha de fora ou pertença a outro contexto. O viajante estrangeiro vê tão saborosamente o mundo porque ele está armado dessa visão de estranho que se projeta sobre as coisas, que olha para luminárias, tornando visível o trivial. Essa é a estranha qualidade desse neto de senhor de engenho tão orgulhosamente pernambucano que, tendo o mundo oferecido, nunca arredou pé, realmente, da vizinhança de onde nasceu, casou, reproduziu e onde morrerá. Contento? Creio que sim. Ao menos, sei de pouca gente tão satisfeita consigo mesmo no que foi e no que é, como esse sociólogo universal do subúrbio de Apipucos, no Recife.

O MÉTODO

A teoria subjacente da obra de GF parece ser a da causação circular, formulada mais tarde pelos funcionalistas. A ideia básica aqui é a de que, como tudo pode chegar a ser, em dadas circunstâncias, a causa de qualquer coisa, não há na verdade nenhuma causa suficiente de nada. O extraordinário é que essa teoria mentecapta não fez mal a Gilberto. Apesar e até graças a ela sua etnologia, voltada sobre si mesma como uma cobra que come a própria cauda, nos deu as explicações mais exaustivas que se pode ler em qualquer literatura sobre o ambiente, os tipos humanos, o modo de vida íntimo, familiar e do-

méstico da gente de que se ocupou. De fato, *CG&S* é uma acumulação de observações minuciosas e de apreciações abrangentes, combinada com um método que se prestou admiravelmente ao propósito de dar uma visão de conjunto e um conhecimento interno de uma sociedade real, vivente, concreta e unívoca. Mas também contraditória como a vida mesma, em sua atividade febril de recriar-se a si própria com variações infinitas ao redor de uma mesma pauta. É verdade que, variando no incidental tanto quanto fosse necessário, a fim de nada mudar no substancial. Gilberto estuda essa pauta como um jovem apaixonado que olha e não vê o esqueleto da noiva. O próprio Gilberto o mostra e o esconde debaixo de banhas e peles, de panos e rendas, mostrando e escondendo, como noivo suspeito de que, debaixo da pele dela, exista mesmo uma caveira.

O principal modo de explicação causal de Gilberto Freyre é girar qual um peru entre referências a causas diversas para, de repente, investir sobre uma delas. Quando se espera que ele nela se fixe, o vemos abandoná-la para começar outra vez a circular. Por exemplo, querendo esclarecer os antecedentes do senhorio agrário do Brasil, Gilberto mergulha na história agrária de Portugal e demonstra, copiosamente, que os fundamentos de seus êxitos estão na contribuição do trabalho e da técnica dos sarracenos, e que o senhorio rural posterior só foi bem exercido pelos mosteiros. Isso é verdade. Visitando Portugal, não se pode deixar de ver a enormidade dos conventos e abadias, servidos por cozinhas descomunais, capazes de cevar centenas de monges gordos. O curioso é que Gilberto, depois de descobrir tudo isso, abandona o seu achado e desembesta, num passe de mágica, para falar da capacidade da ação colonizadora e civilizatória do latifundiário português, antecessor dos grandes proprietários brasileiros.

O assinalável, porém, é que — tal como sucede com o antiteoricismo a que nos referimos — a falta de qualquer sistema, no final das contas, foi salutar a Gilberto Freyre. Sendo o Brasil um país de

paixões intelectuais desenfreadas — em que cada pensador se agarra cedo a um teórico da moda e a ele tanto se apegua que converte em servidão a sua atividade criadora —, é bom ver alguém que rechace pais teóricos. O que a maioria dos cientistas e dos ensaístas brasileiros faz é, no máximo, ilustrar com exemplos locais a genialidade das teses de seus mestres. Não foi assim com Gilberto. De um lado, porque Boas não tinha teorias que devessem ser comprovadas ou ilustradas com material brasileiro. De outro lado, porque o que ele pedia a seu discípulo era que realizasse operações detalhadas de observação e de interpretação de realidades viventes para compor, depois, com material de lavra própria, sua *ética e sua estética da opereta*.

Embora Gilberto esteja sempre a dizer que não é seguidor de ninguém mas, ao contrário, um bandeirante abridor de novos caminhos, ele mesmo admite que é um retificador de antecessores e, portanto, que estes existem. O certo é que, ao invés do que ocorreu com as ciências sociais escolásticas introduzidas no Brasil por franceses e norte-americanos — que floresceram como transplantes, ignorando solenemente como um matinho à toa tudo quanto floresceu antes delas — Gilberto Freyre é herdeiro e conhecedor profundo de Joaquim Nabuco, de Sílvio Romero, de Euclides da Cunha, de Nina Rodrigues, cujas obras leu, todas, apreciou o que nelas permanece válido, utilizou amplissimamente e levou-as adiante.

Observe-se que não falo aqui de afinidades e consonâncias com teses enunciadas antes. Falo de algo mais relevante, que é o prosseguimento do esforço coletivo de ir construindo, geração após geração, cada qual como pode, o edifício do autoconhecimento nacional. Ninguém pode contribuir para ele, é óbvio, se não conhece a bibliografia antecedente. E isso é o que ocorre com a generalidade dos cientistas sociais. Desgraçadamente, para eles, aquela bibliografia é inútil. Inútil porque, na verdade, as contribuições deles são palpites dados um outro discurso, composto no estrangeiro para lá ser lido e adm

rado. Por isso mesmo, para nós também, quase sempre as suas obras são inúteis ou, no máximo, irrelevantes.

Olhando em torno, depois de passada a moda funcionalista e quebrada a onda estruturalista, o que persiste de toda aquela gritaria é, principalmente, o Lévi-Strauss desse belo livro brasileiro que é *Tristes trópicos* e o nosso Florestan Fernandes de *A organização social dos tupinambás*, pelo que nos dá como reconstituição viva da vida dos índios que mais fortemente se imprimiram no fazimento de todos nós, brasileiros. Nada ficará, provavelmente, da copiosíssima bibliografia ilustrativa e exemplificativa, tão na moda por algum tempo. Hoje, tudo isso é mero papel impresso, compondo monumentos tumulares aos que fizeram, de sua vida intelectual, um exercício de ilustração reiterativa de teses alheias.

O mais admirável em Gilberto Freyre, tão anglófilo e tão achegado aos norte-americanos, é que ele não se tenha colonizado culturalmente. O risco foi enorme. Na verdade, dele não escapou quase ninguém dos muitos mil estrangeiros de talento, submetidos à lavagem de cérebro nas universidades norte-americanas no curso do século XX. Quantos deles produziram obras que mereçam ser lembradas e de que se diga, com fundada esperança, que serão provavelmente reeditadas no próximo milênio, como ocorrerá, com toda certeza, à *Casa-grande & senzala*?

Cabe uma palavra mais sobre o propalado método de Gilberto Freyre, de que ele próprio tanto fala: método não, mas sim a *pluralidade de métodos*, tão referida e tão louvada. Em *Casa-grande & senzala* simplesmente não há método nenhum. Quero dizer, nenhuma abordagem a que o autor tenha sido fiel. Nenhum método que o leitor possa extrair da obra, como um enfoque aplicável em qualquer parte. É tão impossível escrever outra CG&S como é impossível reproduzir Gilberto, que a fez com seus talentos e suas birras, mais obra sua que seu próprio filho.

Aliás, não seria justo esquecer, nesta altura, que nenhuma das obras clássicas das ciências sociais é explicável por suas virtudes metodológicas. Muito ao contrário. Tudo que se produziu com extremo rigor metódico, fazendo corresponder à cada afirmação a base empírica em que se assenta, e tudo quantificado e comprovado estatisticamente, resultou medíocre. O cientista, aparentemente, só necessita aprender métodos e estudar metodologia para esquecê-los depois. Esquecê-los tanto na operação de observação, como nessa misteriosa e inexplicável operação de indução das conclusões. Esquecê-los, sobretudo, na operação de construção artística da obra em que deverá comunicar aos seus leitores, tão persuasoriamente quanto possível, o que ele sabe.

Casa-grande & senzala e *Sobrados e mocambos* — que aliás compõem um livro só e deveriam sempre ser publicados juntos — exemplificam magnificamente a primeira categoria de obras. Refiro-me a essas contribuições assinaláveis à ciência, que se convertem em livros clássicos que todos devemos ler pelo sabor que eles nos dão de conhecimento novo e fresco. Já *Ordem e progresso* por exemplo não é assim. Corresponde melhor à segunda categoria. Aqui, talvez também, porque Gilberto pretendeu seguir um método. Com efeito, em *Ordem e progresso* ele tenta obedecer a um plano tão rigoroso quanto é possível a uma natureza indisciplinada e anárquica como a sua. O que resultou, porém, foi um livro de qualidade inferior que não se pode comparar aos dois primeiros.

OS PROTAGONISTAS

O cenário de *Casa-grande & senzala* é o litoral fértil da região nordestina. O Nordeste de Gilberto não é, pois, o de bode e paçoca, de

securas e fomes, geralmente associado ao nome daquela região, mas o Nordeste do siri e do pirão, da cana e do massapé: *de árvores gordas, de sombras profundas, bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sancho-panças pelo mel do engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos germes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem as pessoas inchar, pelo próprio mal de comer terra*. Diga-se de passagem que essa citação não é de CG&S, mas de Nordeste, onde Gilberto melhor retrata a sua região tão amada.

O tema de *Casa-grande & senzala* é o estudo integrado do complexo sociocultural que se construiu na zona florestal úmida do litoral nordestino do Brasil, com base na monocultura latifundiária de cana-de-açúcar, na força de trabalho escrava, quase exclusivamente negra; na religiosidade católica impregnada de crenças indígenas e de práticas africanas; no domínio patriarcal do senhor de engenho, recluso na casa-grande com sua esposa e seus filhos, mas polígamo, cruzando com as negras e as mestiças.

O objeto de estudo da CG&S é essa família “patriarcal” a que Gilberto devota toda a sua atenção. Mas, bem pouca ou nenhuma à outra família, resumida na mãe — gerando filhos emprenhados por diversos pais — não raro pelo próprio senhor — que os cria com zelo e carinho, sabendo embora que são bens alheios e que qualquer dia lhes serão tomados para o destino que o senhor lhes der. É verdade que a própria grandeza da família patriarcal do senhor de engenho era tanta que não deixava nenhum espaço social para outra família qualquer. Mas é uma pena que a miopia fidalga de Gilberto não lhe tenha permitido reconstituir essa matriz do Brasil, esta não família, esta antifamília matricêntrica de ontem e de hoje, que é a mãe pobre, preta ou branca, parideira, que gerou e criou o Brasil-massa.

Gilberto anuncia introdutoriamente o seu tema, dando uma imagem vigorosa do mundo “semifeudal” que irá estudar: uma mino-

ria de brancos e brancarrões, dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas, como os lavradores de partido, agregados, moradores de casas de taipa e de palha, vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão. Ocorre que não eram vassalos, uma vez que produziam mercadorias. Nem a sociedade seria feudal, com tamanha escravaria. Mas que importam essas precisões quando ele nos dá uma visão senão mais realista, ao menos mais cativante que qualquer outra, precisamente porque expressionista e inspirada? Quanto valem nossas perquirições teóricas, tão sujeitas à moda, frente a uma composição que há de ficar para reconstituir, vivente, nosso passado ou ao menos o passado das classes patronais e patriciais do Brasil?

Gilberto nos dá um quadro vivo e colorido como não haverá outro em literatura alguma sobre o processo de formação de um país, o Brasil. Nele surgem, redivivos, os variados avós índios, negros, lusitanos e, por via desses, mouros, judeus e orientais que plasmaram o brasileiro com suas singularidades de gente mestiça de todas as raças e de quase todas as culturas, além de aquinhoada de bens trazidos de toda a Terra.

Falando dos primeiros varões portugueses, ingleses, franceses e alemães que viveram dispersos pela costa brasileira dos quinhentos, Gilberto Freyre os caracteriza como *povoadores à toa, afeiçoados à vida selvagem em meio de mulher fácil e à sombra de cajueiros e araçazeiros*. Assinala que a eles se deve a formação do primeiro núcleo híbrido que seria o calço e o forro de carne, amortecendo para os colonos portugueses ainda virgens de experiências exóticas o choque vivente do contato com terras inteiramente diversas da europeia.

Opondo-se aqui às teses antilusitanas, correntes então, que caracterizavam os magotes de portugueses que primeiro chegaram ao Brasil como uma corte de exilados, criminosos e viciosos, GF os pinta

como gente sã, degredada por ridicularias, deixada na praia como garanhões desbragados, armados tanto de furores genésicos como de penhores eugênicos. Ao próprio Portugal de então, Gilberto caracteriza como província da África com a influência negra fervendo sob a europeia e dando um ar de requeime à vida sexual, à alimentação, à religião. O ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas, corrompendo a rigidez moral e doutrinária da igreja medieval, tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. Contra todas essas molezas só o constante estado de guerra à mouraria entesaria o caráter português para a grande façanha camoniana.

Gilberto não se cansa de admirar o extraordinário prodígio de ter um Portugal quase sem gente... conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue, e, de cultura, populações tão diversas e a tão grandes distâncias... Prodígio tanto maior porque se tratava de um sobejo de gente quase toda miúda, em grande parte plebeia, e além do mais moçárabe. Tamanha seria a escassez de gente para tarefa tão grande, que Gilberto desenvolve uma tese bem gilbertiana para explicar como se atendeu às necessidades de gente para a tarefa imperial: foi milagre... Primeiro que tudo, o milagre de pôr a própria religião a serviço da procriação, tudo impregnando de sexo. Até a doçaria dos conventos seria constituída para isso de doces todos afrodisíacos, pecaminosos, lúbricos, fesceninos, pelo gosto e pelos nomes: beijinhos, desmamado, levanta-velho, beijo de moça, casadinhos, mimos de amor. O superlativo se alcançaria nos nomes freirais de muitos deles, suspiros de freira, toucinho do céu, barriga de freira, manjar do céu, papo de anjo.

A influência maometana sobre Portugal é porventura aquela que Gilberto reconstitui com mais simpatia e carinho. Dela nos viariam, por via dos lusitanos, a expressão mourejar, ainda que não o bom hábito de trabalhar duramente. Mas, também, e principalmente, o

ideal feminino da *moura encantada*, a *doçura no tratamento dos escravos* (sic), o gosto pelo azeite e pelas boas azeitonas, as paredes azulejadas e com elas o amor do asseio, do lustro e da claridade. Nesse passo, Gilberto se entusiasma e começa a desvairar. Atribui aos mouros um misterioso *sentimento lírico* e um *pudor contido para os gozos carniais*, que teriam inculcado nos lusitanos e nos brasileiros. É de justiça assinalar, porém, que GF não deixa de registrar também, como contribuições fundamentais dos sarracenos à cultura brasileira, a *cana-de-açúcar* e o *engenho*, a *nora d'água* e o *sistema de rego*, entre muitas outras.

Do judeu, ao contrário, o retrato é caricaturesco e impiedoso. Assinala, primeiro, que a sanha antissemita dos lusitanos não seria racismo, mas simples intolerância em defesa da pureza da fé. Salienta, de resto, que isso seria muito explicável, uma vez que o judeu de Portugal tanto se mimetizou e assimilou, que acabou deslembado de si, como *cristão novo*, oriundo de conversões velhas, de séculos. Carecia-se, por isso, descobrir, denunciar e desentocar esses desmemoriados semitas para evitar que recaíssem em judiarias. A odiosidade ao semita viria da ojeriza ao agiota frio, sugando o povo lusitano em proveito próprio, de reis ou de nobres. *Técnicos da usura, tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um excesso de especialização quase biológica, que lhes aguçando o perfil de ave de rapina, a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos incapazes de semear e de criar. Capazes só de amearhar.*

Buscando identificar as influências sefarditas sobreviventes no caráter lusitano e no brasileiro, Gilberto encontra, como de hábito, muita novidade. Deles nos viriam, por um lado, o horror ao trabalho manual e, por outro, nosso pendor ao bacharelismo, associado ao nosso fraco por títulos doutorais e docentes, assim como por tudo que simbolize sabedoria letrada, como os anéis de grau e os óculos. Os judeus seriam, também, muito dados a ter escravos para

lhes fazer todo o trabalho; e concubinas, também escravas, para doces misteres.

A mais remota influência referida por Gilberto é a do Oriente longínquo, de onde os lusos trouxeram prendas diversas, algumas tão brasileiras hoje em dia como os coqueiros ditos da Bahia, as jaqueiras, os tamarindos e as mangueiras. De lá, também, nos vieram bizarrices muitas, como o gosto por joias de pedras falsas, por rojões e fogos de artifício; os leques cheirosos, as bengalas, os palanquins e coloridos chapéus de sol. Com eles nos chegaram os telhados docemente recurvos em sela, a louçaria china que ainda se vê azulando cacos por aí, e a planta e o nome do chá chamado inglês. As mesmas naus do Oriente — tão carregadas que *vinham arrastando-se pelo mar com vagares de mulher grávida* — nos trouxeram o gengibre e o sândalo, a pimenta, o anil e o benjoim.

O ÍNDIO E O JESUÍTA

A apreciação que se lê em CG&S do grau de desenvolvimento das culturas tribais brasileiras é nada menos que grosseira: *terra e homens estavam em estado bruto. Nem reis, nem sobas. Apenas morubixabas. Bugres. Gente quase nua e à toa, dormindo em rede ou pelo chão, alimentando-se de farinha de mandioca, de fruta do mato, de caça ou peixe comido cru ou depois de assado em borralho. A agricultura, umas ralas plantações de mandioca ou mindubi, de um ou outro fruto. Adiante abunda nos mesmos argumentos, dizendo que o português encontrou aqui uma das populações mais rasteiras do continente... uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição. Tudo muito lindo, mas muito falso.*

Para GF o índio é o silvícola nômade, *de cultura ainda não agrícola, apesar da lavoura de mandioca, cará, milho, jerimum, mamão, praticada pelas*

tribos menos atrasadas. Só nessa lista há fatos suficientes para falar-se de uma agricultura tropical, desenvolvida pelo indígena, que haveria retirado todas essas espécies do estado selvagem, convertendo-as em plantas domésticas; façanha só comparável à dos orientais que primeiro domesticaram o centeio e o trigo. Mas nosso autor, negreiro inveterado, não percebe isso e continua jogando com o contraste, como se fosse necessário rebaixar o protagonista indígena para ressaltar o negro.

Inegavelmente, o forte de Gilberto Freyre não é sua etnologia indígena. Por isso mesmo é compreensível que eminentes antropólogos não pudessem calar sua exasperação com as tiradas de Gilberto sobre os índios. Florestan Fernandes reproduz, irônico, as apreciações de Gilberto sobre a reação *contráctil, vegetal* do índio ao invasor, *retirando-se, amarfanhando-se*, e sobre as consequências letais da implantação do engenho resumidas, por ele, com a frase: *o açúcar mata o índio* — para assinalar o caráter superficial desses juízos e sua medíocre capacidade explicativa. Herbert Baldus cita, satírico, o passo em que Gilberto Freyre revela que *o europeu saltava em terra escorregando em índia nua, sôfregas mulheres ardentes que até os clérigos atolavam o pé em carne*.

A verdade meio melancólica, porém, é que, apesar dessas deficiências evidentes no varejo, no atacado, CG&S dá uma imagem melhor da herança indígena do que quanto se podia ler nos textos disponíveis de então. É certo que, mais tarde, a etnologia brasileira tanto floresceu que hoje seria possível traçar um quadro muito melhor. Está por aparecer, porém, alguém que se abalance a essa tarefa armado da capacidade de escritor e do conhecimento científico necessários para realizá-la com engenho e arte.

Continuam sendo valiosas as apreciações de Gilberto sobre o papel da mulher indígena como matriz genética e como transmissora de fundamentais elementos de cultura. Entre eles muitos alimentos

e drogas, e tanta comida de índio adotada pelo brasileiro e de que GF nos dá notícia extensa, recheada de nomes atravessados, com cheiro de mato e agreste paladar. A herança mais preciosa, a seu juízo, teria sido a de seus ensinamentos para o cuidado da casa e dos filhos, o uso da rede e da tipoia e, sobretudo, os hábitos bons de asseio corporal e de banho diário no rio que tanto escandalizavam ao *européu porcalhão*.

GF reduz a contribuição cultural do homem indígena a um quase nada. Só valoriza, e valoriza como *formidável*, a sua obra de *devastação, de conquista dos sertões de que ele foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador, o pescador*. Não serviria é para o *reme-reme tristonho* da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegria e de robustez animal do africano tolerariam bem. Também não faz honra à sociologia de Gilberto sua explicação do papel menos saliente do índio na economia agrária.

Tratando da herança espiritual indígena, Gilberto Freyre se alonga, relacionando abusões sem conta. Recalca, porém, aqui e ali, um *animismo* e um *totemismo* genéricos muito ao gosto da antropologia de então, que ele generaliza fantasiosamente como sobrevivendo nos brasileiros, *todos ainda tão próximos da mata viva e virgem*.

Aparentemente, se trataria aqui de mais uma gala de estilo, de uma nova imagem solta, como tantas que Gilberto se permite. Mas não é assim. Logo adiante ele retoma o tema, seriíssimo, para asseverar que *ainda estamos à sombra do mato virgem como talvez nenhum povo moderno civilizado*. Desembesta, então, numa exorbitante ampliação da tese da selvageria atávica dos brasileiros, posta agora a serviço do seu reacionarismo. Ela seria o motor recôndito de um furor selvagem e sanguinário, de um gozo enfermício de destruição que *se manifesta em assassinatos, saqueios, invasões de fazendas por cangaceiros*. E lá se vai GF, solto nas asas do seu reacionarismo, num crescendo que o leva a atribuir, à mesma selvageria congênita, os movimentos políticos e cívicos de raízes sociais mais profundas que convulsionaram vastas regiões

do Brasil. Para Gilberto Freyre, eles seriam puras explosões de um furor atávico que desencadearia a violência popular quando livremente expresso. Segundo essa teoria estulta, as revoluções sociais brasileiras — ou as tentativas de desencadeá-las — não teriam sua origem na opressão e na desigualdade, mas em sobrevivências culturais aborígenes.

Voltando à oposição Negro X Índio que ocupa páginas de CG&S, encontramos, entre outras, esta joia: *deixemo-nos de lirismos... o índio não dava para escravo porque incapaz e molenga. O negro sim. Sobretudo se disciplinado na sua energia intermitente pelos rigores da escravidão.*

Gilberto entra, então, a debulhar causas e se atola ainda mais. Recusa acertadamente a suposta oposição da altivez indígena à passividade africana, como puro romantismo indigenista. Mas o faz apenas para cair em outro contraponto igualmente falso: o da oposição entre uma cultura nômade e uma cultura agrícola. Não é assim. Índios e negros eram agricultores, e os índios, como agricultores, contribuíram muito mais que os africanos em técnicas de lavoura e em plantas cultivadas para a adaptação do Brasil ao trópico. O papel do africano aqui foi muito mais de força energética que de agente cultural. O mais penoso é que toda essa confusão seria dispensável, uma vez que nos textos do próprio Gilberto se encontram explicações fundadas em fatores sociais e culturais muito mais convincentes que essas oposições simplórias, essas caracteriologias psicológicas e essas exaltações ultramontanas. A única explicação aqui — até mais do que o reacionarismo — é a claudicação do estudioso frente ao literato, o qual, ao calor da inspiração, continua entretecendo suas páginas com todos os fios coloridos que pôde retramar e urdir, só atento ao bordado artístico que deles resulta.

Onde Gilberto Freyre nos dá um painel realmente expressivo, onde ele indaga com maior liberdade e isenção, onde ele renova corajosamente a visão brasileira, é no exame do papel desenraizador do jesuíta. É na análise acurada e vivaz de sua obra *de tirar da cultura indí-*

gena osso por osso para dissolver o pouco que havia de duro e de viril naquela cultura e capaz de resistir. Para isso, o jesuíta teria desenvolvido toda uma pedagogia fundada na utilização das crianças como agentes de mudança cultural. O curumim, o padre ia arrancá-lo verde à vida selvagem: com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador.

Não queriam a destruição do indígena, esclarece GF, mas necessitavam quebrar na cultura moral do selvagem sua vértebra e na material tudo que pudesse resistir à catequese. O que teriam conseguido por essa via seria fabricar caboclos seráficos, homens artificiais, que ajudariam a fundar no Brasil uma República de índios domesticados para Jesus. Isso, se os povoadores portugueses não tivessem outro destino mais viável para dar à indiada resgatada, escravizada e convertida em peças, verdadeiras moedas de carne que por facilmente corromperem ou puírem no gasto, constituíam um capital incerto, instável.

Exaustos, porém, do esforço de remar contra a correnteza da história, os jesuítas teriam acabado por assumir o papel menos glorioso de amansadores de índios. Assim é que foram os próprios inacianos, afinal, os agentes mais eficazes do engajamento da indiada. Descida por eles dos ermos onde viviam livres, mas inúteis, para o trabalho nas obras oficiais, para a escravização na mão dos colonos e, principalmente, para as próprias fazendas-missões da Companhia. Para GF, os padres teriam se deixado escorregar para as delícias do escravatismo ao mesmo tempo que para os prazeres do comércio. Contribuíram também concentrando os índios, para facilitar as epidemias que, somadas à escravidão, provocaram o despovoamento no Brasil de sua gente autóctone.

O principal saldo que teria ficado ao fim dessa história secular e terrível, conseguido através desse espantoso desperdício de gente, seria a fala brasileira, com seu português desossado de ss e rr. A língua de Camões, falada pelos índios e mestiços, infantilizara-se quase em fala de menino. Outra contribuição cultural vivente está na quantidade

de nomes indígenas — de coisas, de gentes e de bichos — que aprendemos dos curumins. Páginas e páginas de descrição bizarra delas, as que GF nos dá em CG&S. É verdade que tão deliciosas de ler literariamente quanto irritantes para os que lutam por dar ordem e precisão à linguagem científica. Maior ainda, suponho, será o desespero do leitor estrangeiro — e sobretudo dos tradutores — diante desta riqueza de indianidade que Gilberto coleciona e exhibe como borboletas empalhadas: *curumi*, *urupuca*, *cuia*, *cabaço*, *pipoca*, *teteia*, *foigo*, *mundeo*, *jequiá*, *tingui*. Não seria difícil encher uma página inteira delas.

O BRASILEIRO SENHORIAL

A história de vida típica do brasileiro senhorial nos é reconstituída por Gilberto Freyre em detalhe e com exuberância. Começa pelo parto, descrito como iminente risco de render uma bela morte de anjinho para ser enterrado em alegres caixões azuis, se menino, rosados, se menina. Vingado, deixa cedo de mamar na mãe branca, agarrando-se logo às tetas da mãe preta. Cresce e engatinha debaixo dos olhos e dos cuidados da ama, que lhe dá do mundo a versão mais dócil, como um universo gentil, comandável a berros. Começa aí a abraçileirar-se. GF evoca o processo, cheio de saudades: *afagos de mu-cama... de uma bondade porventura maior que a dos brancos... de uma ternura que não conhecem igual os europeus. Dela é que nos viria este misticismo quente, voluptuoso de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros.*

Quando ganha pernas para andar, o nhonhô de engenho se torna um capeta a furar olhos de bicho e de gente, a fazer quanta estrepolia entende, debaixo do estímulo do pai sorridente, satisfeito de ter um filho que começa cedo a revelar qualidades agressivas.

Uma vez taludinho, impelido pelo clima e pelo ambiente escravista, antes de iniciado por alguma preta treiteira, o rapazinho brasileiro se entregava com todo o empenho e denodo a uma série de inocentes práticas sexuais sadistas e bestiais. As primeiras de suas vítimas eram os moleques de brinquedo e os animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne; a negra ou a mulata. Antes disso gozava antecipações, roçando-se em buracos feitos em troncos de bananeiras, de melancia ou até mesmo no fruto espinhoso do mandacaru com o seu visgo e adstringência quase de carne. O pai, mais uma vez, a tudo assistia contente. Via no filho, reiteradas, as suas façanhas juvenis, saudoso e orgulhoso delas. Apenas provavam que ele não seria um maricas, graças a Deus, mas um macho femeeiro, deflorador de mocinhas, como convinha. Não estaria ausente também um certo cálculo contábil, sugere GF: emprenhando negras, aumentava o rebanho paterno. Muitos quiseram culpar a escrava de corruptora, pela facilidade com que *abria as pernas ao primeiro desejo do senhor moço. Desejo não, ordem. Conversa fiada!*, comenta Gilberto, a negra seria até meio fria.

Aos dez anos o senhorito é metido à força no papel de homenzinho, vestido e penteado como gente grande, o colarinho duro, calça comprida, roupa preta, botina preta, o andar grave, os gestos sisudos, um ar tristonho de quem acompanha enterro. Chegava então o tempo dos estudos. Primeiro no próprio engenho, aos cuidados do padre ou de um professor primário, pecuniário (sic). Depois, em colégio de cidade para melhor aprender a ler, escrever e contar, declinar latim e recitar francês. Imagine-se, diz Gilberto, cheio de pena, que saudades o pobrezinho teria do engenho, de toda uma vida de vadição — o banho de rio, a arapuca de apanhar passarinho, briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os moleques, chamego com as primas e as negrinhas.

O contraste seria ainda mais grave porquanto no colégio o que o esperava com frequência era o abuso dos cocres e da palmatória. Não

é de estranhar, conclui o autor, que muito menino desacoroçoado se consolasse no onanismo e na pederastia.

Ao contrário do rapaz, adestrado para garanhão, a menina-moça era modelada para ser sempre fiel à *castidade, vergonha, recolhimento, pejo, sisudeza e modéstia*, como correspondia à sua condição de classe. Mas com tanto empenho e zelo, e debaixo de tanta vigilância, que é como se se tivesse certeza de que, vendo-se entregue a si mesma, fora da camarinha vigiada, caísse logo na gandaia.

Crescia rapidamente debaixo de rígidos controles só compensados pelos carinhos da mucama que a penteava, a lavava, catava seus piolhos, lhe fazia cafunés, contava histórias, cantava e sofria, calada, todas as agressões sádicas da senhorazinha impossível. Nela se preparava, à custa de orações e de beliscões, a mulherzinha que cedo sairia de casa. Menina ainda, florescia já recendendo a mulher apta para o matrimônio e o amor. Casava entre os 12 e os 13 anos. O primeiro parto vinha lá pelos 14.

O rapaz amadurecia mais lentamente para os papéis sociais do senhorio familiar. Só aos 26 anos seria homem-feito, de hombridade marcada orgulhosamente pelas cicatrizes venéreas. Casava-se logo depois — com alguma prima — entrando, assim, na terceira estação da vida em que retomava, de certo modo, os gozos da infância. O que o esperava daí em diante era uma vida morna, lânguida, morosa, banzeira e sensual, nos diz Gilberto. Para esses gozos se cercava de numerosa criadagem doméstica que constituía literalmente os pés dos senhores: *andando por eles, carregando-os em rede ou de palanquim. E as mãos — ou pelo menos as mãos direitas — as dos senhores se vestirem, se calçarem, se abotoarem, se limparem, se catarem, se lavarem, tirarem os bichos de pé.* O fruto de tanta preguiça na vida diária do senhor branco era fazer do seu corpo quase exclusivamente o *membrum virile*: *mãos de mulher, pés de menino, só o sexo arrogantemente viril.*

A maior parte da vida o senhor de engenho a passava na rede. *Rede parada com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Depois do almoço ou do jantar era na rede que eles faziam longamente o quilo — palitando os dentes, fumando charuto, cuspidno no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolhos pelas molequinhas, coçando os pés ou a genitália; uns coçando-se por vício, outros por doença venérea ou de pele.*

Ao aproximar-se a morte, preocupavam-se em lavar a alma em confissões, mas sobretudo em perpetuar a prosperidade dos filhos legítimos. Alguns também se preocupavam em alforriar e aquinhoar a todos ou alguns dos seus bastardos paridos dentro de casa pelas negras e mulatas. O corpo morto, uma vez tratado com o vaidoso aparato de toalete dos defuntos era velado à noite com grandes gastos de cera, com muita cantoria dos padres em latim, muito choros das senhoras e dos negros, para ser sepultado no outro dia debaixo das tábuas da capela, que eram uma dependência da casa-grande.

Discorrendo — aqui também sábia e inovadoramente — sobre as condições alimentares e de saúde do Brasil colonial, Gilberto Freyre se exaspera: *país de Cocagne, coisa nenhuma. Terra de alimentação incerta e vida difícil é o que foi o Brasil nos primeiros séculos. Adiante, detalha: fartura só de doces, geleias e pastéis fabricados pelas freiras dos conventos: era com que se arredondava a gordura dos frades e das sinhás-moças, conclui judiciosamente que, debaixo de tanta fome e doenças os brasileiros seriam uma inútil população de caboclos e brancarrões, mais valiosa como material clínico do que como força econômica.*

Aí vem então outra tirada gilbertiana sobre a negraria. Esta não! Ela seria tratada racionalmente com arremedos de taylorismo, comeria fartamente: *feijão, abóbora, charque, bacalhau, toucinho, melado. E conclui, só depois do descabro da Abolição (sic) os negros se veriam de-*

vastados pelas endemias e verminoses que apodreciam em vida aos outros brasileiros. Insciente, GF prossegue para nos dizer que, após a Abolição, persiste o latifúndio monocultor, *criando um proletariado de condições menos favoráveis de vida do que a massa escrava*. Para Gilberto, uma vez forros, os negros começariam a morrer de saudade do *patriarcalismo que até então amparou os escravos, alimentou-os com certa largueza, socorreu-os na velhice e na doença, proporcionando-lhes e aos filhos oportunidades de ascenso social*.

A NEGRARIA

Ao longo de toda a extensão respeitável de CG&S, o leitor vê, edificado, exibir-se o vezo de Gilberto Freyre. É uma espécie de bloqueio sentimental, quiçá alguma fixação de quem terá metido tão dentro de si a imagem da ama-mucama, gorda, luzidia e boa, que não tem olhos para ver o negro do eito, queimado aos milhões como um carvão humano, primeiro nas fornalhas do engenho e nas plantações de cana, depois nas minas e nos cafezais. Tanto era assim que a vida média de um negro de eito não passava de cinco a sete anos, conforme a região e a intensidade da produção em cada período. E isso bastava para que rendesse muito dinheiro. Tanto era assim que se necessitava importar cada ano uma percentagem crescente da massa escrava (2,5 a 5%) e um número cada vez mais avultado de negros africanos só para manter o estoque, reduzido constantemente pela enorme mortalidade. Também se vê que era assim — ou só Gilberto não vê — por todos os testemunhos vários sobre o mau negócio que era montar criatórios de negros escravos, que tantos senhores tentaram. Os depoimentos mais conhecidos demonstram que não valia a pena criar porque os

crioulos saíam mais caros pelo que comiam enquanto cresciam do que o africano comprado já feito e pronto para o desgaste rendoso, embora chegasse bruto e boçal. Para nada disso GF está atento, enfeitiçado pela famulagem doméstica, ele não olha nem vê o negro massa, o negro multidão.

Contrasta com esse vezo de neto fiel e saudoso do avô escravo-crata, o traço mais simpático e característico de GF que é o verdadeiro gozo com que ele assinala, contente e orgulhoso, a marca da influência negra que o Brasil carrega: *na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida.*

Com efeito, o que mais provocou sensação e surpresa aos primeiros leitores de CG&S foi o negrismo de GF. Ele vinha dizer — ainda que em linguagem meio desbocada, mas com todos os ares de cientista viajado e armado de erudições múltiplas — que o negro — no plano cultural e de influência na formação social do Brasil — fora não só superior ao indígena (coisa já dita, ainda que muito contestada), mas até mesmo ao português, em vários aspectos da cultura material e moral, principalmente da técnica e da artística.

Além da sobrançeria cultural, o negro teria vantagens físicas conjuntas sobre os brancos e sobre os índios. Por exemplo, *manando óleo pelo corpo inteiro e não apenas escorrendo uns pingos pelos sovacos*, ele estaria armado de uma vantagem fundamental para a vida nos trópicos. Sobre os índios teria ainda a superioridade de acumular a essas vantagens a de um *espírito alegre, vivo, loquaz, e em consequência plástico, adaptável, em contraste com o caráter introvertido, tristonho, duro, hirto, inadaptável* do silvícola brasileiro: *soberbo como uma grande Espanha.*

Onde predomina uma ou outra matriz, varia segundo Gilberto, o caráter nacional brasileiro, que salta da *sociabilidade alegre, expansiva do baiano* — porque mulato — ao *ar tristonho, caladão, sonso, do piauiense, do pernambucano* e de outros descendentes da indiada.

A leviandade da contraposição Índio x Negro reiterada nestes termos nos faz suspeitar de que Gilberto não frequentou tantos xangôs como propala. Sabidamente nunca viu índio que não fosse Fulniô de Águas Belas. Só assim poderia imaginar e descrever, com tanta infidelidade quanto segurança, os negros e os índios tal como os descreve, só fiel ao estereótipo vulgar de um e de outro.

Uma das melhores contribuições de Gilberto encontra-se, provavelmente, na análise crítica das chamadas influências deletérias que o negro teria exercido sobre os brasileiros. Gilberto começa por separar cuidadosamente o que deve ser atribuído ao negro, enquanto escravo, do que lhe pode ser debitado, enquanto ente racial e cultural africano. Afirma, de saída, que *não há escravidão sem depravação* para asseverar que a esta é que se deve relacionar o erotismo, a luxúria, a depravação, de que tantos autores acusavam o negro; cegos para o fato de que tais "vícios", se existiam, deviam ser atribuídos ao senhor que os favorecia, tanto para os seus gozos como para fazer render mais o seu rebanho.

Muito bem até aqui. Mas lá vai Gilberto, outra vez, escapando de si mesmo para exagerar e nos dizer que nos primitivos seria muito mais moderado o apetite sexual, *tanto que os negros, para se excitarem necessitam estímulos picantes, danças afrodisíacas, cultos fálicos, orgias. Enquanto no civilizado nada disso seria necessário.* Até os órgãos genitais dos negros seriam subdesenvolvidos para nosso autor. Das negras ele nos diz que são *antes frias do que fogosas*, segundo prestigiosa autoridade britânica. O senhor é que, afogueado e tarado pelas negras, principalmente pelas molecas, teria introduzido a libidinagem na senzala.

Também a sífilis — às vezes se quer acusar o negro de a haver introduzido no Brasil — Gilberto mostra que é glória da civilização. O senhor é que contagiaria a negra, às vezes ainda cabaçuda, por puro gozo ou como recomendadíssimo depurativo do sangue. Sifilizada,

porém, a negra passaria a contaminar a deus e ao mundo. A sífilis, diz Gilberto, fez o que quis no Brasil patriarcal. No ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, molecas, mucamas, é que as doenças venéreas se propagaram mais à vontade através da prostituição doméstica — sempre menos higiênica que a dos bordéis.

Logo adiante, eis que Gilberto nos foge outra vez. Agora para dizer, sempre com provas à mão, que os nenês de peito, ao mamar, contaminavam os peitos das aias-mucamas. Para o que não se encontra algum testemunho bíblico ou alguma prova escrita neste mundo?

A sodomia, muito generalizada no Brasil colonial, segundo Gilberto, não seria africana, mas portuguesa, de boa ancestralidade romana. Sodomitas teriam sido desde os fundadores de eminentes famílias — como os Cavalcantis e cabos de guerra como Albuquerque, o Terrível — até os órfãos recolhidos nos colégios jesuítas. Não se diga agora, outra vez, que Gilberto exorbitou. Nada disso. Bem pode ser verdade. Mas não há como deixar de espantar-se o leitor de se ver convencido de que os próprios feitiços de amor e outros, o negro teria aprendido dos brancos. Dominando o negócio dos bruxedos é que eles o teriam colorido e africanizado pela substituição de mandrágoras por sapos, nas mandingas. Destas, Gilberto detalha muita receita nojenta.

Ao negro também ele credita, nos últimos capítulos, o que fora atribuído, nos primeiros, ao índio: a fala gorda, descansada, amaciada, sem rr nem ss. A ama negra, ensinando a criança a falar, fez com a palavra o que fazia com a comida; tirou-lhe as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Assim é que o português dos brasileiros incorporou desde corruptelas como cacá, pipi, bumbum, cocô, até puras expressões africanas que usamos como totalmente nossas: dengue, cafuné, bunda, caçula, banzo, quindim, catin-ga, cachimbo e muitas e muitas mais.

Para Gilberto Freyre duas outras contribuições do negro — além, digo eu, das maiores que deu como edificador de quanto se fez e

produtor de quanto se produziu, nos setores mais dinâmicos da economia colonial — foram: primeiro, proteger com a sexualidade desbragada das molecas a virtude das meninas brancas; segundo, ensinar o brasileiro a explorar todas as possibilidades das papilas da língua, bem como os nervos do faro, com a sua magia culinária. Ao preto se deve a introdução ou o uso sábio do azeite de dendê, da pimenta-malagueta, do quiabo, do caruru, da taioba, entre muitos outros espécimens. Foi ele, também, o nosso mestre no preparo de *farofas*, *vatapás*, *acarás*, *acarajés*, *manuês*, *mucunzás*, *efós*, *xinxins de galinha*, *feijoadas*, *mocotós*, *abarás*, *arroz de coco*, *feijão de coco*, *angus*, *pão de ló de arroz*, *rebuçados*, *aloás*. Grande seria a lista se quiséssemos repetir tudo quanto Gilberto refere e degusta em letra de forma.

A notícia que Gilberto nos dá do ciclo de vida do negro é, naturalmente, muito menos informativa do que sobre a vida e a carreira típica do branco senhor de engenho, que sumariamos atrás. Apenas nos diz que muitíssimos morreriam no parto. Muitíssimos outros nos primeiros anos de infância. Depois — quem sabe? — talvez sobrevivessem alguns, uma vez que o senhor, atento no que poderia ganhar, tratava de alimentar as crias das negras, com olhos no seu futuro valor venal. A existência social de todo negro, tanto o nascido na terra como o vindo da África, começava com o batismo, que Gilberto caracteriza como *a primeira fervura que sofria a massa de negros antes de integrar-se na civilização oficialmente cristã*. A partir do rito, o *negro-novo*, posto no eito junto dos *ladinos*, ia aprendendo a trabalhar na mesma medida em que se desafricanizava e se abasileirava.

Muito cedo o negro comum começaria o trabalho no eito, só tendo a possibilidade de fazer carreira se apresentasse qualidades raras de doçura ou de graça que sugerissem que ele serviria melhor como moleque de pancadas do *nhonhô* ou como futura mucama de *nhanhã*. Outra carreira se abria às molecas mais sestrosas quando

escravas de senhoras das cidades! Essas seriam lavadas, penteadas, perfumadas, enfeitadas com brincos e fios de ouro, para se dedicarem à putaria como negras de ganho. Elas é que encheriam as casas de prostituição antes que a riqueza permitisse importar putas francesas e polacas. Melhor ainda seria a carreira da caseira ou concubina de senhor rico ou de padre femeeiro. Essas viveriam cobertas de panos da costa, de xales de seda, de balangandãs e teteias, aduladas por sua influência, queridas como amantes luxuriosas e, sobretudo, temidas como mandingueiras.

A verdadeira glória, porém, nos diz Gilberto, só alcançava a preta tirada do eito — e assim quase alforriada da condição real de escrava-massa — para ser adorno e como tal servir de mucama do senhor e da senhora. É justo dizer que a figura da mucama preside CG&S. Saindo da senzala por suas feições mais doces e mais finas, por sua estampa mais agradável, ela teria como ofício atender, daí em diante, ao serviço pessoal dos senhores, entrando, assim, na intimidade da família patriarcal. Por seu intermédio, vinham depois os negrinhos, irmãos de leite ou de criação, e com eles muitas crias, malungos e moleques de estimação que enchiam a casa-grande. Todos eles, porém, ali estavam de passagem, podendo ser vendidos ou retornar às durezas do eito. Não as mucamas. Jamais. A elas cabia *um lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se, quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção, os escravos tratavam-nas de senhoras. Os boleeiros andavam com elas de carro. Em dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos da casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas: nunca escravas vindas da senzala.*

As netas contemporâneas dessas senhoras-mucamas seriam as numerosas negras baianas, vendedoras de doces nas ruas das gran-

des cidades brasileiras. *Seu porte é de rainhas, exclama Gilberto. Umas rainhas de luxo e garbo, esbelteza heráldica, graça de talhe e ritmo no andar. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamascada, de cores vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Teteias, figas, pulseiras, rodilha ou turbante muçulmano. Chinelinho na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Braceletes de ouro. Umas rainhas.*

Buscando com muito zelo, ao longo das centenas de páginas de CG&S, o leitor colherá aqui e ali alguma referência ao negro multitudinário, comum, ordinário: *ao negro que com as vergonhas cobertas por uma tanga foi o principal contingente trabalhador do Brasil. Muito poucas, na verdade. Pouquíssimas são suas anotações sobre esse negro-massa, trabalhador do eito. A notícia mais longa que Gilberto nos dá, e ainda assim parca, é da sua morte. Apenas conta que os negros ladinos, bons de serviço, que morriam no engenho, eram enrolados em esteiras e sepultados no cemitério dos escravos. Os novos, sobretudo na cidade, eram enterrados mal e mal na areia da praia onde os cachorros e urubus os desenterravam sem trabalho para roer e pinicar. Isso quando não eram simplesmente atados a um pau e atirados à maré. Eis tudo.*

Gilberto, porém, não nos desampara totalmente. Encontra, afortunadamente, na última página de CG&S, suficiente espaço para nos dizer, com todas as palavras, que *não foi toda de alegria a vida dos negros escravos dos nhonhês e das nianhãs brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potages dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo — a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal — entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se.*